
Teoria e método no pensamento de Edgar Morin

Everton da Silva Correa
Mestrando do PPGE da Uninove.

Marcos Antonio Lorieri
Professor do PPGE da Uninove.

O presente trabalho busca apresentar os conceitos de *teoria* e de *método* no pensamento de Edgar Morin a partir de alguns de seus textos. Morin tem uma compreensão própria de ambos os termos contrapondo-se às noções clássicas de teoria e método. O texto pretende trazer uma contribuição aos debates sobre estes dois aspectos importantes do processo de pesquisa.

Palavras-chave: Complexidade. Teoria. Método. Pesquisa.

This work aims to present the concepts of theory and method in Edgar Morin's thoughts, from some of his texts. Morin has his own comprehension of both terms, opposed to the classical notions of theory and method. This text presents the contribution to the debates on these two important aspects of research process.

Key words: Complexity. Theory. Method. Research.

O conceito de teoria para Morin

Teorias surgem da necessidade de explicações para os fenômenos da realidade, dizem vários autores, como Köche (2003, p. 91) que acrescenta: “As teorias apresentam-se como um quadro de referência, metodicamente sistematizado, que sustenta e orienta uma investigação.” (idem, p. 93). Mas, não investigamos para produzir teorias? Sim. Mas, ao mesmo tempo, nas investigações nos orientamos por referenciais teóricos de que já dispomos. Os novos esforços de investigação acrescem as teorias de que já dispomos, ou as modificam ou até as negam substituindo-as por outras mais bem justificadas.

A necessidade humana de teoria surge do fato de que a realidade e as práticas humanas não se revelam com clareza, de imediato, aos seres humanos, como diz Severino: “... a prática humana precisa da teoria para se expressar significativamente. Ela seria muda se não se exprimisse pelo pensamento e pelo conceito. O seu sentido não se revela mecanicamente, mas só se dá a um sujeito que seja capaz de lê-lo.” (SEVERINO, 2001, p. 9.) Daí uma primeira noção de teoria para este autor: “A teoria, em sentido amplo, é o esforço de realizar esta leitura e explicitar o sentido imanente à prática. É o meio possível para a leitura da realidade, para que ela possua algum sentido.” (Idem, *ibidem*.)

Japiassú em *Dicionário básico de filosofia* (2006), diz de teoria:

1. Na acepção clássica da filosofia grega, conhecimento especulativo, abstrato, puro, que se afasta do mundo da experiência concreta, sensível. Saber puro, sem preocupação prática.

2. Modelo explicativo de um fenômeno ou conjunto de fenômenos que pretende estabelecer a verdade sobre esses fenômenos, determinar sua natureza. Conjunto de hipóteses sistematicamente organizadas que pretende, através de sua verificação, confirmação, ou correção, explicar uma realidade determinada. Ex.: a teoria da relatividade de Einstein. (2006, p. 266)

Ambas as definições apresentam visões antagônicas. Na primeira, teoria é especulação sem vínculo nenhum com uma realidade concreta. Nesse sentido, ela foi identificada por Aristóteles como bem-aventurança, isto é, como oposição a qualquer ação que não tenha a contemplação por objetivo; a segunda nos mostra que teoria é explicação de uma realidade dada. Tem vínculo originário com a realidade empírica. Edgar Morin apresenta *teoria* como a atividade pensante do sujeito, por isso, ela não pode ser vista ou pensada como “a teoria”, mas, como “as teorias”. Elas, porém, não são o próprio conhecimento, mas a permissão e a possibilidade de alcançá-lo. Não são as soluções dos problemas, mas a possibilidade de tratá-los. Nas suas palavras:

Uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema. Em outras palavras, uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. É essa intervenção do sujeito que dá ao termo *método* seu papel indispensável. (MORIN, 1998, p. 33. *Itálico do autor.*)

Para Morin a teoria é resultante da realidade humana concreta. Em *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana* (2009), ele afirma que as teorias não são um mero saber especulativo sem finalidade prática, mas que nascem de um problema real necessitando de respostas reais. Opõe-se, portanto à primeira noção de teoria indicada acima por Japiassú. Assim, é o sujeito concreto que constrói as teorias e os métodos para os desafios que encontra na realidade de que faz parte. Teorias, diz Morin em *O Método IV: as idéias, a sua natureza, vida, habitat e organização* (2002b, p. 107) são sistemas de idéias. “São utensílios que servem para interpretar o real e que podem ser insuficientes ou ilusórios.” (idem, *ibidem*). Um sistema de idéias, portanto, uma teoria (além de outros sistemas de idéias como doutrinas, ideologias, por ele indicadas como tais) pode ser assim definido, conforme ele o diz:

Um sistema de idéias é constituído por uma constelação de conceitos associados de maneira solidária, cuja arrumação é estabelecida por laços lógicos (ou aparentemente lógicos), em virtude de axiomas, postulados e princípios de organização subjacentes; um tal sistema produz, no seu campo de competência, enunciados que têm valor de verdade e, eventualmente previsões quanto a todos os fatos e acontecimentos que aí deverão manifestar-se. Mediadores entre os espíritos humanos e o mundo, os sistemas de idéias ganham consistência e realidade objetiva a partir da sua organização. (MORIN, 2002b, p. 115).

Sendo assim, um sistema, as teorias podem ser abertas ou fechadas. Abertas, podem receber contribuições que as façam rever-se e desenvolver-se ou até modificar-se totalmente. Fechadas, enclausuram-se e petrificam-se vindo a envelhecer e morrer. Mas, enquanto duram, trazem problemas, senão prejuízos. Naturalmente, como sistema, toda teoria tem seus mecanismos de defesa assim com tem mecanismos de abertura para se alimentar do seu entorno. Quando a teoria é fechada ela dá prioridade aos mecanismos de defesa; quando aberta, sua prioridade não é a defesa ou encerramento em si mesma. Ela se abre às novas contribuições e principalmente às críticas. Morin prefere denominar aos primeiros de doutrinas e aos segundos de teoria. Há, segundo ele, dois tipos de sistemas de idéias: “os sistemas em que há prioridade de abertura em relação ao encerramento, a que chamamos aqui de *teorias*, e os sistemas em que o encerramento é prioritário, e a que aqui chamaremos *doutrinas*.” (idem, p. 116). E ele acrescenta à página 118 da mesma obra: “O que é próprio da teoria é admitir a crítica exterior, segundo as regras aceites pela comunidade que cuida, suscita, critica as teorias (comunidade filosófica ou científica).” Já as doutrinas não são assim.

Teoria, pois, é conjunto de idéias articuladas entre si com vistas a produzir entendimentos a realidade e do próprio ser humano. Tem um importante papel na vida humana e responde a uma necessidade fundamental de esclarecimento e de orientação para as pessoas. Ela corre riscos de fechamento e de simplificação. Segundo Morin ela não pode ser apenas programa, algo fixamente endereçador quer de interpretações, quer de maneiras de ser. Isso é próprio de doutrinas que levam à doutrinação. Na perspectiva do pensamento complexo que inclui a realidade

da incerteza do conhecimento humano, até por conta da incerteza ou dos acasos da realidade, a teoria é vista como um conjunto de idéias que indicam possibilidades. Ela é indicadora e não absolutamente determinante. Mas indicadora com bases justificadas. Ela não é o fim absoluto da atividade investigante. Quando se investiga, busca-se saber algo. Busca-se, portanto, alguma teoria. Mas, ao mesmo tempo, na atividade investigativa, parte-se de alguma visão (teoria no seu sentido original) inicial da realidade a ser investigada. Daí Morin dizer que “uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema.” (MORIN, 1998, p. 33), conforme já citado anteriormente. Mas, de algum modo ela é uma chegada e é uma solução. Mas sempre provisória.

Quando produzida por normas e regras fixas apresenta-se como única explicação monopolizadora da realidade ou como um sistema fechado com suas próprias racionalizações e explicações que não se permite o diálogo com outros pontos de vista. Essa concepção de teoria não convive com o erro, mas o evita insistentemente. Pensando ter alcançado a verdade plena, encastela-se em si mesma, tornando-se estranha ao próprio homem que a construiu. Eleva-se à categoria de explicadora única e correta da realidade. Para o pensamento complexo, há necessidade de se pensar a teoria como algo sempre em construção: “Toda teoria dotada de alguma complexidade só pode conservar sua complexidade à custa de uma recriação intelectual permanente” (MORIN, 2009, p. 24). Além disso, ela deve estar em diálogo permanente com as outras teorias e, principalmente, com a realidade que está sempre em devir. Uma

teoria que não dialoga com outras elaborações teóricas e com o movimento da realidade, e que não considera os erros e incertezas como etapa importante na construção do conhecimento corre o risco incessante de fechar-se sobre si mesma, de degradar-se. Em *Ciência com consciência*, Morin diz que “toda teoria entregue a seu peso tende a achatar-se, a unidimensionalizar-se, a reificar-se, a psitacizar-se” (1998, p. 336). Em assim sendo, ela corre o risco de caminhar para três situações:

- A degradação tecnicista. Conserva-se da teoria aquilo que é operacional, manipulador, aquilo que pode ser aplicado; a teoria deixa de ser *logos* e torna-se *techné*.
- A degradação doutrinária. A teoria torna-se doutrina, ou seja, torna-se cada vez menos capaz de abrir-se à constatação da experiência, à prova do mundo exterior, e resta-lhe, então, abafar e fazer calar no mundo aquilo que a contradiz.
- A pop-degradação. Eliminam-se as obscuridades, as dificuldades, reduz-se a teoria a uma ou duas fórmulas de choque; assim, a teoria vulgariza-se e difunde-se, á custa dessa simplificação de consumo (MORIN, 1998, p. 336. Itálicos do autor.).

Esses riscos de degradação podem também afeta a Teoria da Complexidade, diz ainda Morin (*idem*, p. 337), quando ela própria acreditar que encontrou respostas únicas para os vários problemas da realidade. Quando acreditar que sua idéia de verdade é a única possível entre todas as outras. Pois a ausência de abertura e flexibilização quanto às verdades adquiridas põe em perigo a própria noção de Complexidade, podendo ser entendida como simplificação e fácil resposta a tudo. Pode, tam-

bém, esconder que o termo complexo traz em si, além de explicações e compreensão, as contradições presentes em nós e no mundo.

Teoria, então para Morin, é conjunto ou sistema de idéias capazes de responder à necessidade humana de produção de entendimentos e que tem papel fundamental na vida humana. Não é absoluta em sua produção de explicações e entendimentos, pode produzir simplificações, reducionismos e visões fechadas do real. Mas é um instrumento importante para os seres humanos. Deve ser sempre renovada através de um processo constante de investigação. Serve e deve servir como impulsionadora, ela própria, das novas investigações. Daí a idéia de Morin de que ela é sempre possibilidade de partidas e de tratamento de problemas que surgem sempre no dinamismo regular e ao mesmo tempo incerto da realidade. Daí a sua função de indicadora e não de determinante dos processos de investigação. Daí a sua relação intrínseca com o método que é uma relação contínua de mútua alimentação.

É nesse sentido que Morin estabelece uma relação entre teoria e método. Sendo o último um caminho que se faz, e não um conjunto de receitas *a priori*, ele interfere na teoria e vice-versa.

[...] O método, gerado pela teoria, regenera-a. O método é a *práxis* fenomenal, subjetiva, concreta, que precisa da geratividade paradigmática/teórica, mas que, por sua vez, regenera esta geratividade. Assim, a teoria não é o fim do conhecimento, mas um meio-fim inscrito em permanente recorrência (MORIN, 1998, 336).

Ligado à noção de teoria pode-se, agora, indicar o entendimento de método para Edgar

Morin que, curiosamente, denomina sua principal obra de *O Método*, publicado já em seis volumes.

O entendimento de método para Morin

Em diversas obras Morin diz sobre método e aponta que ele próprio não quer uma metodologia e que não tem como indicar algum método como caminho único a seguir na produção da compreensão da realidade. Se é que esta produção seja possível. A palavra método, no seu sentido original quer dizer caminho para atingir algo. No caso do conhecimento seria algum caminho para se atingir o conhecimento de algo. Descartes escreve um discurso do método. Ele, no título da obra indica o sentido de caminho para método: "*Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências.*". Publicado em 1637 esta obra inaugura o esforço dos séculos seguintes que se estende até nossos dias de busca de um caminho para a produção de conhecimentos seguros. Morin olha este percurso e identifica nele alguns problemas de ordem epistemológica que acabam por gerar problemas de ordem metodológica. Ele se apresenta como um crítico do modelo de conhecimento desenvolvido no Ocidente na Modernidade que parte do paradigma analítico que não caminha para a síntese e que, por isso, produz uma visão simplificada e reducionista do real. Morin se propõe caminhar, ou ter um método diferente partindo dos princípios de um pensamento complexo ou do paradigma da complexidade que ele explicita em toda a sua obra. Especialmente, e não por acaso, na sua obra maior *O Método*, já em seis volumes. No primeiro desses volumes, em *O Método I: a natureza da natureza* (2003) ele diz:

O que ensina a aprender é o método. Eu não trago o método, eu parto em busca do método. Eu não parto com o método, eu parto com a recusa, totalmente consciente, da simplificação. A simplificação é a disjunção em entidades separadas e fechadas, a redução a um elemento simples, a expulsão do que não entra em um esquema linear. Eu parto com a vontade de não ceder a estes modos fundamentais do pensamento simplificador. (MORIN, 2003, p. 36).

Ou seja, ele ao se recusar o modelo de pensamento simplificador, precisa recusar o método que é próprio desse modelo de pensar. Modelo que tem como modos de pensar a idealização, a racionalização e a normalização. Em sendo assim, “é preciso aceitar caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha.” (idem, p. 36). Daí que o método, isto é, o caminho, se fará no processo de produção do pensamento complexo. Pois, diz ele:

O método só se pode construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida desta vez dotado de método. Nietzsche sabia-o: “Os métodos chegam ao fim”. (*O Anticristo*). O retorno ao começo não é um círculo vicioso se a viagem, como bem diz a palavra *trip* hoje em dia, significa experiência, de onde se volta transformado. (idem, *ibidem*. Itálicos do autor.).

Aprende-se o método no retorno virtuoso ao começo iluminado pelo termo, pelo final do

processo anterior. Num recomeço de crescimento em espiral. Daí que a sua esperança e pretensão ao iniciar com este volume primeiro de *O Método*, seja o de chegar “à idéia de um método que deve permitir um avanço do pensamento e da ação que pode reunir o que estava mutilado, articular o que estava separado, pensar o que estava oculto.” (idem, p. 37). Na verdade, ao final, poder-se-á dizer do caminho percorrido, ou seja, do método. Este, no seu termo, voltar-se-á enriquecido para as novidades da realidade, mas deverá ser construído, ou re-construído passo a passo. Pois os desafios são novos, mas os princípios da epistemologia complexa serão os indicativos da nova caminhada. Estes se esclarecem a cada momento e em cada nova empreitada da busca do conhecimento: num círculo sempre virtuoso. Virtuoso porque incentivador da criatividade do sujeito pesquisador, por sua vez necessária frente ao novo que sempre surge. Referindo-se ao seu percurso na busca de um novo modo de pensar, em 1999 escreve o que segue que consta da obra *A inteligência da complexidade* (edição brasileira de 2000):

O método que serviu como objeto deste trabalho há vinte e cinco anos, e continua a servir, é uma ajuda à estratégia de pensamento e não uma metodologia, ou seja, um programa a ser aplicado. Ele leva seu próprio paradoxo: todo aquele que pense segundo o método da complexidade pensa por ele mesmo e incita o outro por si próprio. [...] Ele deve determinar um fundamento conceitual e conduzir ao pensamento complexo. O pensamento complexo deverá levar a marca da desordem e da desintegração, relativizar a ordem e a desordem, nuclear

o conceito de organização, operar uma reorganização profunda dos princípios que comandam a inteligibilidade. (MORIN, 2000, p. 136).

Morin vê a metodologia como indicação rígida de procedimentos ou como a presença de uma programação a ser cumprida supondo-se que a realidade caminha linearmente sem acasos e desvios. Constatado que nem sempre é assim, urge ter uma proposta de método que leve em conta os acasos e os desvios. Para isso ele propõe que as pessoas, na busca do conhecimento seguro ou mais seguro, disponham de estratégias e não de programas. Em *O Método 2: a vida da vida* (2002a) ele indica seu entendimento de programa e de estratégia.

O programa (“aquilo que está inscrito previamente”) é um conjunto de instruções codificadas que, quando aparecem as condições específicas da sua execução, permitem o desencadeamento, o controle, o comando por um aparelho de seqüências de operações definidas e coordenadas para alcançar certo resultado. (2002a, p. 250).

O programa é controlador do que definiu previamente. Não lida com o imprevisto e nem com o acaso. Já a estratégia, mesmo comportando seqüências de operações coordenadas como o programa, diferentemente dele

[...] baseia-se não só em decisões iniciais de desencadeamento mas, também, em decisões sucessivas, tomadas em função da evolução da situação, o que pode provocar modificações na cadeia, e até na natureza das opera-

ções previstas. Em outras palavras, a estratégia constrói-se, desconstrói-se, reconstrói-se em função dos acontecimentos, dos riscos, dos contra-efeitos, das reações que perturbam a ação iniciada. (idem, *ibidem*.)

A estratégia, pois, é própria para situações de risco, para situações nas quais o inesperado é sempre possível. Ela pressupõe iniciativa, criatividade, arte, astúcia. Isso é necessariamente claro para a ação. Mas, Morin diz que é necessário também para o conhecimento. “O conhecimento precisa de uma estratégia para articular, verificar, corrigir através da eventualidade e do vago, a sua representação das situações, dos seres e das coisas.” (idem, *ibidem*.) Daí seu conceito de *método* atrelado ao de *estratégia* e, por conseguinte, oposto ao de *programa*. Enquanto o programa se constitui de ações predeterminadas em situações estáveis, a estratégia está aberta, encontrando desvios e recursos para o imprevisto e o novo. Isso torna evidente o limite ao programa, pois este não está preparado para o risco. Realidade que a estratégia torna evidente, e até certo ponto necessária, porque nela o risco é caminho para a diversidade. Assim, segundo Morin “o programa necessita de um controle e de uma vigilância. A estratégia não só necessita deles, mas também, a todo o momento, de concorrência, iniciativa, decisão e reflexão” (2009, p. 29).

O método, segundo Morin, diferente do conceito clássico (ou programático), se faz no seu próprio caminhar e não está pronto *a priori*. Se a etimologia da palavra nos remete à idéia de caminhar ou de caminho – pois termo grego *metá* (além, através) e *hódos* (caminho) nos obriga a essa compreensão –, esta não deve se constituir unicamente como o ponto de partida com vistas a um ponto de chegada, mas deve

englobar a idéia de construção contínua ou de reconstrução do próprio processo da caminhada que poderá indicar até pontos de chegada diversos dos antevistos ou desejados. Não sendo assim, voltaremos a entender a noção de método como programa, e não como um esforço estratégico de compreensão do desconhecido que envolve a atenção à realidade do acaso, da desordem e do imprevisto. É no caminho que ensaiaremos nossos métodos. Como obra de um ser inteligente, estes devem permanecer sempre abertos às incertezas que emanam da realidade. Entendidos desta forma, eles se constituem em aprendizagem contínua, nunca em racionalizações fechadas.

Considerações finais

Teoria e método, para Morin, são momentos necessários, diferentes entre si, mas imbricados um no outro no processo contínuo da investigação. No pensamento derivado do cartesianismo, opera-se no método para se gerar as teorias e explicações da realidade; na complexidade, porém, opera-se na realidade para se criar métodos e teorias. E uma vez criados eles retornam a esse mesmo real para recriá-lo. Não há fechamento teórico ou metodológico na visão da complexidade, mas abertura. Não há respostas prontas e programadas, mas convites a procurá-las (conscientes, é claro, de suas limitações). Não há realidade determinada, mas complexa. “O objetivo do método, aqui, é ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas”, dirá em *O Método 3: o conhecimento do conhecimento* (2005, p. 36).

Para o pensamento complexo a teoria deve ser a iluminadora do método, que por sua vez

não deve se fechar em si mesmo, mas retornar à sua geradora – a teoria – enriquecendo-a com novos dados. Juntos e sempre abertos serão capazes de propor novos caminhos possíveis, sem cair na tentação de uma resposta final, pois a complexidade do mundo não é determinável e sim movimento contínuo. *Método e teoria* são sempre construídos por um sujeito cognoscente. Isso significa dizer que podem ser transformados sempre que necessário. Ambos devem surgir como respostas às incertezas e acasos da vida humana as quais, por sua vez, devem ser abertas a reformulações por se saberem carregadas, também, de incertezas.

Não por acaso Morin propõe uma reforma do pensamento, uma reforma em nossa maneira de pensar que deve repercutir em uma reforma da educação. Vale considerar tendo em vista as contribuições possíveis ao campo teórico da educação.

Referencias

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Revisão da tradução e tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. 5a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário básico de filosofia*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- KOCHE, J. C. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 21ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- _____. *Ciência com consciência*. 2ª ed. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *O Método 2: a vida da vida*. 2ª ed. Trad. de Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2002a.

_____. *O Método IV. As Idéias; a sua natureza, vida, habitat e organização*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2002b.

_____. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3a. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2009.

MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. Trad. De Nurimar Maria Falci. São Paulo: Peirópolis, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d' Água, 2001.

